

A MATEMÁTICA DAS ILUSÕES

BERNARDO SCARTEZINI

ESPECIAL PARA O CORREIO

São Paulo – Eucir de Souza conta que nunca pensou em ser ator. Jura que não, nunca lhe ocorrera tal idéia. Acabou acontecendo. Praticamente foi empurrado por amigos, que hoje ele chama carinhosamente de “anjos da guarda” – uma analogia assaz correta, uma vez que, para ele, o teatro funciona como uma religião.

Tudo por conta de uma namoradinha de Guaxupé, interior de Minas Gerais, sua terra natal. A garota estava numas de fazer teatro amador na cidade. Eucir foi atrás. Ela, a namorada, acabou desistindo. Eucir tomou gosto. “Eu era tímido, muito, muito tímido, não falava com ninguém. Eu era adolescente, louco, e o teatro dá uma salvada na gente, não é? Porque você vai e acaba sendo obrigado a se deparar com suas limitações, com suas questões. Está todo mundo te vendo, então nem tem muito como sair dali.”

Eucir tinha 17 anos. Montou uma, duas, três peças. Acabou sendo conhecido em Guaxupé como ator de teatro. Uma fama que durou par de anos apenas, antes de ele se mandar para São Paulo, onde mora até hoje. E onde, em verdade, tornou-se um ator de teatro. E de cinema também, como pode ser visto neste 40º Festival de Brasília, onde aparece como protagonista do longa *Meu mundo em perigo*, de José Eduardo Belmonte, exibido na segunda noite da mostra competitiva em 35mm.

“Demorei muito para pegar a carreira na minha mão e dizer que sou ator”, admite Eucir. Durante cinco longos anos, ele bem que tentou um emprego normal, no Datafolha. Sempre foi bom em matemática e física. Trabalhava com processamento de dados no instituto de pesquisas. Mas calhou de o prédio do Datafolha ser vizinho ao Teatro Escola Macunaima. Por conta de uma amiga (anjo da guarda), Eucir se matriculou na escola. Depois de

um semestre, novamente aos empurrões, acabou prestando exame para a Escola de Artes Dramáticas (EAD) da Universidade de São Paulo. Foi escolhido.

Não faltou mais trabalho para Eucir, que logo mais se tornou ex-funcionário do Datafolha. Seu trabalho na EAD chamou a atenção de Márcio Aurélio, que o levou para sua companhia de teatro. Fizeram *Senhorita Else* (1999), de Arthur Schnitzler.

Eucir, então, engatou uma peça após a outra. Sob direção de Cibele Forjaz, trabalhou em *Um bonde chamado desejo* (2002), de Tennessee Williams, herdando de Milhem Cortaz o papel de Stanley Kowalski. Também com Cibele, destacou-se ao lado de Leona Cavalli na aclamada *Arena conta Danton* (2004), com texto de Fernando Bonassi baseado em Georg Büchner. O próprio Bonassi deu a Eucir o primeiro monólogo do ator, o recente *O incrível menino na fotografia* (2007).

Eucir também foi parceiro constante do dramaturgo e diretor Mário Bortolotto, da Companhia Cemitério de Automóveis. Uma colaboração que o ajudou a se sentir mais à vontade em *Meu mundo em perigo*, uma vez que Bortolotto é roteirista do filme do lado de Belmonte.

Uma religião, uma escola

“Ainda sou muito tímido, até hoje. Continuo sendo um cara acanhado, aquele caipira de Guaxupé”, brinca Eucir de Souza, 37 anos, em entrevista em seu apartamento, no bairro paulistano de Mirandópolis, perto da Igreja

Suplemento Especial FIC Brasília.
A estréia mais aguardada do ano para você aproveitar o máximo do festival.

EM BREVE

O Correio Braziliense trará um Suplemento Especial para acompanhar você durante o Festival Internacional de Cinema de Brasília 2007. Um guia com a programação completa, informações sobre os filmes, matérias e curiosidades. Tudo para você aproveitar um dos maiores eventos do calendário cultural do Distrito Federal.

Garanta o Suplemento Especial FIC Brasília,
dia 30 de novembro, sexta-feira, no Correio Braziliense.

Patrocínio:



Brasil Telecom

Realização:

CORREIO BRAZILIENSE
O JORNAL CAPITAL

André Lavenere/Divulgação



EUCIR DE SOUZA E ROSANE MULHOLLAND EM CENA DE MEU MUNDO EM PERIGO: PREPARAÇÃO EXTREMA

de Santa Rita de Cássia, onde está protegido pelas fotos do inglês Peter Brook e do japonês Yoshi Oida, dependuradas num pôster na parede da sala. “O teatro, na minha vida, tem um pouco o papel da religião. Não digo que ele nos livra das cadeias, nos liberta das prisões, porque estamos todos presos, ninguém sabe onde está indo, o que está fazendo aqui. Mas ele te ajuda muito a pelo menos compreender esta prisão, a entender o lugar onde você está.”

Uma experiência vivida sobre o palco, acredita Eucir, pode ter a mesma força de uma experiência de vida. “Quando você está em cena, passa por aquela situação, você é obrigado a lidar com o conflito. É claro que tudo é uma ilusão. Mas aquilo acontece, cara, tem uma pessoa ali discutindo com você e algo está acontecendo naquele momento. Você não precisa depois passar pelo problema novamente na sua vida. E a gente erra muito. O teatro é uma grande escola.”

Eucir conta que, por exemplo, não estaria preparado para o envelhecimento de seus pais e para cuidar deles se não tivesse vivido tal situação na peça *Nossa vida em família*, de Oduvaldo Vianna Filho, com direção de William Pereira. “O teatro me trouxe a verdade. Sem ela, você não pode ser ator. Se não houver a verdade, é a primeira coisa que as pessoas vêem. Se eu tenho uma cena de briga, eu brigo. Se tem uma de amor, eu amo mesmo.”

É a lógica matemática de Eucir de Souza. Um ator que aprendeu a aplicar o raciocínio científico ao trabalho de dramaturgia. “Na matemática não tem erro. Existe uma fórmula para a qual há um jeito de resolver e você vai chegar àquele resultado. Os personagens são assim também, eles já estão prontos. O ator é diferente de um artista plástico que pega uma tela em branco e pinta. A minha tela já vem colorida, pintada. Esse cara existe, o diretor já o imagina. Você aprende um jeito para fazer. Mas é o jeito para aquele espetáculo. Para o próximo, você tem que jogar tudo fora, tudo mesmo. Então, é como se as pessoas me apresentassem uma equação e eu tivesse que resolvê-la. Esse é meu método hoje. E eu tento ficar o mais

quieto possível, ouvir o mais que posso. Ainda dou muito palpite, mas cada vez menos.”

Agora, Eucir de Souza vem a Brasília para demonstrar sua lógica aplicada ao cinema. Consagrado no teatro, ele começa a colher prestígio em forma de convites de cineastas. O pedido de José Eduardo Belmonte, ele conta, foi bem fácil de aceitar. Há três anos, Eucir tinha feito teste para o elenco de *A concepção*. Não emplacou, mas foi lembrado depois para o papel de Elias, o atormentado protagonista de *Meu mundo em perigo*. “Do jeito que o Zé falou para mim sobre o filme, não tinha como eu não aceitar”, lembra Eucir. “Ele foi sincero, honesto, direto. Percebi nos olhos dele.”

Eucir estava em dúvida sobre sua capacidade para fazer Elias. O personagem lhe parecia excessivamente frágil, à deriva demais. A preparação foi extrema. A mais extrema de sua carreira. Foi uma preparação biológica acidental. As vésperas de filmar, ele foi acometido por um rotavírus. Um troço que entra no teu corpo, te deixa de cama, prostrado, e depois vai embora com o mesmo desaviso com que entrou. “Eu estava à morte. Já tinha passado toda minha vida em perspectiva. Até que no quarto dia, acordei bem, com fome, como se nada tivesse acontecido.” Eucir estava no ponto para incorporar Elias.

O trabalho em cinema mais conhecido de Eucir, até o momento, é o cultuado *Palíndromo* (2001), curta

experimental de Philippe Barcinski. Trata-se de um filme de linguagem, rodado de trás para a frente em plano único, que exigiu do ator um intenso trabalho corporal. Eucir viveu um executivo que surta em plena Avenida Paulista. Teve a ajuda de Eugenio Puppo para coreografar todos seus movimentos, até um simples discar de telefone, para que os gestos fossem harmônicos quando vistos de trás para a frente.

E o cinema, Eucir? Se o teatro é a religião, para que serve o cinema? “O cinema serve para você ser eterno, para você vencer a morte, para você não morrer. É claro que é uma ilusão, mas é uma ilusão boa. O cinema, das ilusões, é a mais bonita.”